

TRILEMA DIGITAL

CAP. DE PROPOSTA

SUMÁRIO

CAP. DE AMOSTRA

■ PARTE 1

▷ EXTELIGÊNCIA

1. O Enfrentamento da Indigência Cognitiva, 7
2. Vivemos em um Mundo Repleto de Distração, 33
3. Uma Revolução Humana, 61

■ PARTE 2

▷ TRIBALISMO

4. As Diferenças Ampliam Nossa Existência, 89
5. O Outro e a sua Importância, 117
6. A Construção de uma Realidade Inclusiva, 141

■ PARTE 3

▷ COMPARTILHAMENTO

7. Desafios do Caminho, 171
8. A Caixa de Pandora do Mundo Pós-Digital, 189
9. Nossos Dilemas com o Consumo, 209

■ CONCLUSÃO

▷ A SAÍDA DO TRILEMA

Aos Jovens (De Todas as Idades), 231

CAP. DE AMOSTRA

INTRODUÇÃO



O TRILEMA DIGITAL
ESTÁ ENTRE NÓS



CAP. DE AMOSTRA



Há muitas décadas, me dedico a entender as transformações de nosso mundo. Os processos de inovação, o desenvolvimento de novas tecnologias, bem como a mudança de comportamento decorrente da disseminação de dispositivos tecnológicos são, de fato, acontecimentos fascinantes em nossas vidas — e temas de meu cotidiano, como usuário e estudioso. Abordo esses assuntos por meio de livros, palestras, *lives*, podcasts e artigos, sempre com o objetivo de ampliar a reflexão sobre esses fenômenos, ligados à sociedade de maneira intrínseca, mas, ainda, tão distantes de serem compreendidos de acordo com sua potencialidade.

Nesse meu percurso de observação e análise, uma conclusão me parece bastante assertiva: *o mundo digital propicia uma condição sem precedentes em nossa história*. Seu surgimento e sua evolução afetam todos os aspectos da humanidade, tanto em âmbito individual como coletivo, provocando a maior, mais profunda, mais completa e mais rápida mudança social registrada desde o começo de nossa civilização. É uma revolução no sentido mais literal desta palavra. E mais: trata-se de um movimento revolucionário inédito, que emerge a partir de estruturas

sociais mais amplas e inclusivas e menos elitistas, sendo levado até as camadas sociais que sempre foram desprivilegiadas devido a suas características financeiras ou intelectuais e modificando-as, criando novos paradigmas.

A revolução digital não se dissemina a partir de um centro de pensamento, ou seja, não tem um núcleo ideológico. Ela brota da consciência e da necessidade individual das pessoas e, por isso, prescinde de lideranças.

Até hoje, todas as revoluções foram manipuladas por uma elite qualquer que utilizava as aspirações das pessoas e o eventual descontentamento social vigente para incutir ideias, conquistar apoio e realizar as modificações pretendidas por poucos. Isso ocorreu, por exemplo, com as Revoluções Francesa e Russa, ambas de caráter político. A partir dos discursos proferidos por suas lideranças, a população foi mobilizada, resultando nos históricos embates desses dois movimentos.

Já na Revolução Industrial, outro exemplo muito expressivo para nossas vidas, o aspecto revolucionário estava na rápida transformação do modo de produção praticado, alterando o cenário econômico e provocando dramáticas mudanças nos eixos sociais de poder.

É preciso lembrar que *tempo* e *escala* diferenciam o processo evolutivo do processo revolucionário. As *revoluções* implicam transformações rápidas e de grande proporção, enquanto a *evolução* tende a ser lenta e concentrada em aspectos específicos.

Uma revolução ocorre quando, de uma hora para outra, a ordem do que estava acomodado se altera. Vale a pena ressaltar que, em sua essência, a tecnologia é (e sempre foi) revolucionária. Assimilar esta informação é importantíssimo: a revolução é inerente à tecnologia, e a história comprova tal afirmação.

Ao surgimento de cada avanço tecnológico, a humanidade se refez, modificou paradigmas econômicos, sociais, ambientais, entre outros. Mas, no passado, a despeito das transformações atingidas, a elite dominava. Quando a tecnologia surgia, ela era controlada por poucas pessoas, integrantes dos grupos mais abastados financeiramente, e as transformações ocorriam, então, a partir dessa minoria social. O que vivemos hoje é diferente.

Quando, por meio da atual difusão tecnológica — evidenciada pelo uso de *smartphones*, internet, aplicativos, redes sociais —, as pessoas têm vasto acesso à informação e, ao mesmo tempo, ganham autonomia para expressar suas opiniões, a revolução acontece de forma ampla e irrestrita.

Essa interação entre a tecnologia e os indivíduos gera consequências imprevisíveis, inexplicáveis, quando os expressivos resultados das ações individuais são considerados apenas ao ganharem volume exponencial. Ou seja, essa massa de indivíduos age exatamente como os “*fenômenos emergentes*”, descritos pela sociobiologia. Quando muitos agentes simples operam em um ambiente, seguindo as definições físicas e químicas, seu conjunto de ação forma comportamentos complexos. Normalmente, o resultado dessa prática em si é imprevisível, mas acarreta a evolução do sistema. O mesmo se dá no cenário comportamental, em que interações homem-máquina individuais alteram profundamente os destinos da sociedade, ocorrendo, também, de maneira inesperada e imprevisível.

É essa imprevisibilidade, essa incerteza, o tema de fundo desta minha nova publicação, *Trilema Digital*. Naturalmente, sou um entusiasta e defensor do uso irrestrito da tecnologia em nossas vidas. Sim, sou esperançoso e percebo as infinitas possibilidades de aprimoramento em nossa existência e em nosso cotidiano a partir de nossa interação

com os mais indistintos dispositivos tecnológicos. Porém, mesmo com todo meu otimismo, é preciso fazer ressalvas. Nem tudo são flores, afinal. Novas tendências ou transformações sociais trazem sempre em seu bojo um lado claro e outro escuro.

Atualmente, três tendências preocupam cientistas sociais e tiram o sono dos empresários e dos cidadãos conscientes — me incluo entre eles, apesar de manter meu sono em dia. E, por serem três, eu as chamo pela expressão *Trilema Digital*, um conjunto complexo de situações distintas, mas interligadas.

Nosso *Trilema Digital* é um desafio; devemos enfrentá-lo como tal e oferecer soluções para superá-lo. A primeira atitude é dar visibilidade a ele e identificar os problemas propostos entre as tendências que o compõem, as quais identifico como: *Exteligência*, *Tribalismo* e *Compartilhamento*. Três fenômenos decorrentes da transformação digital que se entrelaçam, formando um grande impasse para a sociedade. Ao longo deste livro, me dedico a explicá-las. Passo a passo, será possível compreender cada uma dessas três partes que compõem o Trilema e saber como afetam nossas vidas, mas desde já começo a introduzir seus significados.

EXTELIGÊNCIA

No universo pós-digital, a circulação da informação é uma constante e está em viés de crescimento. Tudo ao nosso redor nos informa algo, conta sua história, inclusive os objetos, que serão mais bem “compreendidos” com o advento da tecnologia 5G e a consolidação da Internet das Coisas. Contudo, esse conjunto de informação imenso e positivo é externo ao nosso cérebro, portanto, é ineficaz ao pleno funcionamento de suas

faculdades. Enquanto não embarcamos a informação em nosso cérebro, ele é incapaz de gerar sinapses, e essa condição é a armadilha na qual caímos com o crescimento da Exteligência.

Paradoxalmente, vivemos como sociedade em uma época com maior disponibilidade de informação, mas cada vez menos os indivíduos a utilizam. Se toda a informação produzida não está sendo armazenada em nossa cabeça, ela é irrelevante para o funcionamento de nosso cérebro, por não gerarmos sinapses a partir delas. E, sem isso, não se produzem novas ideias, teses e insights.

Assistimos, assim, ao processo de deterioração de nosso foco, de nossa atenção para assuntos mais profundos e textos mais elaborados. Em outras palavras, podemos emburrecer com a perda gradativa do conhecimento embarcado. Em meio ao crescimento da Exteligência, nossa inteligência individual reduz drasticamente.

TRIBALISMO

Na segunda tendência do Trilema Digital, percebemos que a sociedade nunca nos exigiu tanta aceitação das diferenças e, ao mesmo tempo, essa mesma sociedade nunca foi tão fechada em “tribos” cada vez mais convictas de suas certezas. Por meio da internet, criamos “bolhas de convívio”. Fechamo-nos em nossos grupos de relacionamento com interesses afins e vemos o outro como o diferente, algo possível de ser eliminado, desvalidado, ridicularizado, *cancelado*.

O Tribalismo desencadeia a imunização cognitiva, um tipo de escudo social. As pessoas se agarram aos seus valores e credos a despeito dos fatos. Em alguns casos, a propósito, os acontecimentos são completamente irrelevantes, visto que são incapazes de contradizer a certeza que foi estabelecida como verdade absoluta — o prejulgamento — de alguns.

A disseminação engajada das *fake news* é um exemplo desse comportamento, assim como o crescimento exponencial da circulação de ideias completamente segregadas das evidências científicas demonstradas ao longo dos séculos.

Quando um número significativo de pessoas acredita que a Terra é plana e que se vacinar faz mal, isso só nos demonstra o quanto estamos enfermos como sociedade. Aos poucos, os defensores dessas teses perdem a sua capacidade de visão crítica. (Esse é um assunto que estou acompanhando com muita atenção e será o tema do meu próximo livro, *Vítimas do Critério*.)

Devido à sua capacidade de conexão, o universo digital é terreno perfeito para a difusão da imunização cognitiva. Os algoritmos são extremamente funcionais para tratar as pessoas de maneira individualizada. Por outro lado, são instrumentos adequados para oferecer “mais do mesmo”, limitando o domínio de informação e a experiência dos indivíduos.

Ao eliminar o confronto e o convívio com o contraditório, os algoritmos deformam a estrutura comportamental das pessoas; incitam a separação e o acirramento de grupos com pensamentos divergentes. Nesse contexto, surgem as mídias individualizadas, oferecendo às pessoas um conteúdo informativo ou de entretenimento cada vez menos diverso. Estas são con-

dições culturalmente muito perigosas. Precisamos desenvolver nossa capacidade de empatia, de entendimento do outro e de aceitação da diferença.

Enquanto a pressão social é pela aceitação das diferenças e convivência dos desiguais, a sociedade digital incute nas pessoas uma visão tribal e maniqueísta, baseada em *eu estou certo, ele está errado*, o que é um risco para as novas gerações.

COMPARTILHAMENTO

Por fim, nessa organização social cada vez mais tribal, em um mundo no qual a inteligência, aos poucos, é transformada em Exteligência, temos a terceira tendência do *Trilema*, o *Compartilhamento*, talvez a mais polêmica dentre elas.

Em princípio, os aspectos negativos tanto da Exteligência quanto do Tribalismo são mais fáceis de serem entendidos e aceitos. Afinal, não queremos danificar voluntariamente nosso cérebro, tampouco queremos nos limitar a um mundo de iguais, sem nuances e possibilidades de crescimento. Mas a terceira tendência, por sua vez, “encobre” melhor seu aspecto negativo, visto que ela tem, por assim dizer, uma boa reputação entre as pessoas. Trata-se da *Economia Compartilhada* (*Sharing Economy*) ou, como querem alguns, *Lowsumerism*.

Desde já enfatizo: o *consumo consciente* é muito benéfico para o mundo. Nós precisamos dele e temos de ampliá-lo, mas sem desconsiderar todos os aspectos desta prática. A *Economia Compartilhada* pode ter um impacto devastador nas formas tradicio-

nais de geração de renda e na consequente evolução do PIB dos países. Explico.

O consumo é um dos fundamentos dos setores produtivos em nossa organização social. As corporações projetam seu crescimento baseadas na maior venda de bens e no aumento da prestação de serviço. Isso gera empregos (diretos e indiretos), movimenta a indústria de base, gera impostos e confere renda à população. Quando o consumo decai, obviamente, há menor oferta de empregos, menos renda circula, assim como a movimentação de matéria-prima e produtos manufaturados é menor. Essa questão precisa ser compreendida com objetividade, sem arroubos de paixão. A pandemia recente que assolou o mundo, com sua consequente quarentena, foi a prova mais eficaz do que ocorre quando o consumo baixa.

O PIB de nenhum país cresce se a indústria local não produz adequadamente; se o consumo é baixo; se as exportações e importações de produtos são irregulares. As pessoas precisam adquirir casas, fazer compras no comércio, planejar viagens. Esses movimentos giram a economia e a aquecem. Nesse sentido, é paradoxal o país ter o crescimento vertiginoso da Economia Compartilhada e querer, ao mesmo tempo, o crescimento do PIB, baseado em modelos econômicos tradicionais. Essa equação não fecha.

Mais uma vez, não estou me colocando contra o *Lowsumerism*. Quando bem aplicado, pode ser uma forma fantástica para gerarmos economia individual e consciência ecológica. O mundo, de fato, precisa tratar melhor seu meio ambiente. Há urgência na introdução de modelos de consumo consciente. Mas temos de estar muito atentos, pois essa prática tem potencial

subjacente para devastar a economia e requer extremo cuidado em sua adoção por parte da sociedade. Até encontrarmos uma solução para implementá-la sem comprometer diversos setores tradicionais da cadeia produtiva dos países, precisamos de cautela. Ao longo deste livro, vamos refletir mais sobre essa questão.

Aliás, esta é apenas a introdução das três tendências que compõem a narrativa do *Trilema Digital*. Essa reflexão não pretende ser definitiva. Pelo contrário, se constitui de uma análise pontual, um recorte de nossos dias. Com ela, é possível evidenciar formas de aproveitar o lado bom dos avanços digitais, a fim de não cairmos em armadilhas. Para conseguirmos atingir esse objetivo, porém, precisamos identificar e reconhecer alguns de seus aspectos negativos.

A tecnologia existe para simplificar a nossa vida, agilizar o nosso cotidiano, mas, se queremos extrair todo o seu potencial, precisamos fazer uma análise integral de seu uso. Nem tudo é válido, positivo e belo. Há também um lado oculto e nebuloso da inovação, pronto para nos prejudicar — mas não é preciso ter receio de enfrentá-lo, nem devemos fingir sua inexistência.

O surgimento do universo pós-digital gera angústia e incerteza para muitos. O aparecimento de novas interações sociais, a concepção e elaboração de uma miríade de equipamentos eletrônicos, sobretudo a evolução da Inteligência Artificial, que, em tese, é base para a criação de figuras robóticas à nossa imagem e semelhança, delineiam um cenário perturbador para algumas pessoas. Vários temem a consolidação de um mundo distópico, aos moldes dos projetados na ficção científica, em

que a humanidade é subjugada às máquinas, e a Terra tal qual conhecemos deixa de existir.

Em meu livro *O Fim da Idade Média e o Início da Idade Mídia*, abordei detalhadamente o fato de que, daqui por diante, seremos reconhecidos pela potencialidade de nossas características mais singulares, por nossa individualidade, e estaremos instrumentalizados por diversas ferramentas tecnológicas. Mas esse novo tempo ainda não está consolidado; estamos em uma fase de transição. Ou seja, de fato, passamos por um período de mais incertezas, de poucas respostas precisas para a imensa quantidade de perguntas pertinentes sobre o porvir. Como em toda transição, as respostas estão sendo elaboradas.

São tempos estranhos esses em que vivemos. Antigamente, os sábios tinham certezas e os ignorantes tinham dúvidas. Agora, estamos assistindo ao inverso disso: quanto mais conhecimento, mais dúvidas; e, quanto mais ignorância, mais certezas. Em algumas práticas terapêuticas, há o entendimento, figurativamente, de que o medo habita uma caverna escura e fechada nas pessoas. A única forma possível de retirá-lo dali é deixar a luz e o vento entrarem na caverna. A claridade e a renovação do ar no ambiente fazem esse medo desaparecer. Portanto, vamos iluminar este *Trilema Digital*, para termos a chance de restringir os seus aspectos negativos em nossas vidas e reforçarmos os positivos. O primeiro passo começa aqui.





DESMISTIFICANDO
O TRILEMA



CAP. DE AMOSTRA

“O mundo fez um progresso espetacular em todas as medidas de bem-estar, mas quase ninguém sabe disso (...) Há um hábito disseminado entre intelectuais e jornalistas que destaca apenas o negativo, como se o mundo estivesse sempre à beira da catástrofe. Essa é a mentalidade da falta.”

— STEVEN PINKER, *PhD em Psicologia Experimental e linguista, professor de Harvard*





Antes de avançarmos na leitura deste livro, é preciso ter claro o significado do Trilema Digital em nossas vidas. Compreendê-lo é o ponto de partida para os capítulos seguintes, e é fundamental para não sermos levados a conclusões precipitadas, equivocadas, devido a esta característica tão humana: o pessimismo. (Neste caso, pessimismo em relação à vertiginosa presença da tecnologia em nosso cotidiano.)

Ao longo de nossa existência, a humanidade revela grande facilidade para ser pessimista, olhar o contexto ao seu redor como algo determinado, limitante e fatal. Nas últimas décadas, o avanço tecnológico, em certa medida, tem sido o alvo preferencial desse grupo de pessoas. São diversas e catastróficas as profecias relacionadas ao nosso futuro — algumas das quais não se intimidam a trombetear nossa total destruição em decorrência dos mais diversos incrementos tecnológicos.

Para quem enfatiza os aspectos puramente negativos de nossas situações cotidianas, sejam elas quais forem, a existência do Trilema Digital, que nos impacta, indiferente à nossa vontade, pode representar algo muito nocivo — o que não é verdade.

A humanidade está em uma espiral de crescimento, apesar das Casandras de plantão. Vivemos uma época próspera, melhoramos nossos indicadores de saúde, a forma como nos alimentamos, como construímos nossas casas, nos locomovemos e nos vestimos. O acesso à educação é quase universal e nossa expectativa de vida dá saltos. Os mais variados organismos internacionais registram o aumento de nossa longevidade. Apesar do episódio da Covid-19, a evolução seguirá, mesmo com uma crise econômica de proporções épicas.

Estudos do Banco Mundial, por exemplo, apontam que, desde os anos 1960, os indicadores de nosso tempo de existência só crescem. O salto, em cinco décadas (de 1960 para 2010), foi de 18,1 anos. De forma geral, em todo o mundo, passamos de uma expectativa de vida de 52,5 anos para 70,6 anos; e a tecnologia se mostra indispensável para esse feito. Contudo, apesar das evidências, há quem tenha muito medo do futuro, tornando-se um pessimista nato. Neste caso, é bom lembrar:

O medo é o vírus da inovação.

Não fossem os pessimistas, talvez não encontrássemos as soluções para os problemas quando eles se apresentam. Essa é uma refinada ironia. As previsões trágicas dos arautos do apocalipse são desmentidas exatamente pelo fatalismo depositado em suas projeções.

Na medida em que vislumbram cenários sem saídas, eles dão margem para se criar uma “resistência” a essas previsões, para se pesquisar e desenvolver maneiras de evitar o pior. Com isso, formam-se estudos contrários às projeções negativas, conseqüentemente, indicando saídas concretas para as situações. Tome o exemplo do surgimento

e proliferação da AIDS, uma das doenças mais graves registradas nos últimos séculos.

Identificada pelos sistemas de saúde mundo afora entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida tornou-se uma sentença de morte quase instantânea ao ser detectada. Porém, ao chegarmos nos anos de 2020, desse status fatalista de morte iminente, a doença passou a ser considerada crônica. Ou seja, é passível de tratamento médico, a exemplo de diversas outras condições de saúde, como diabetes e hipertensão.

Em outras palavras, apesar de a medicina ainda não ter encontrado uma cura definitiva para o vírus, o esforço da ciência em todas as suas frentes reverteu o quadro apocalíptico instaurado pelos mais descrentes no começo da síndrome. No decorrer dos capítulos, veremos outros exemplos nesse sentido, situações entendidas como limítrofes, mas que foram revertidas. É para essa condição de reversão de perspectiva que o nosso Trilema Digital se encaminha.

FENÔMENO TERATÓLOGICO

O fato de a Exteligência, o Tribalismo e o Compartilhamento serem três grandes tendências de profundo impacto na sociedade, e, de certa forma, se entrelaçarem, me fez perceber que a maneira mais adequada de me referir a elas seria por meio do conceito de extensão do significado de dilema, expresso pela palavra Trilema.

Dilemas, formalmente, remetem a duas premissas contraditórias, excludentes entre si; portanto, não abarcaria o todo da complexa discussão do mundo pós-digital.

Se eu tenho um dilema, tenho uma dúvida e preciso tomar uma decisão. Consequentemente, terei de optar por um caminho em detrimento do outro. É uma maneira mais binária de interagir com a situação; aliás, essa é uma abordagem totalmente inserida no universo digital, visto que a linguagem computacional é identificada como binária, resultante de múltiplas combinações de 0s e 1s.

Já os trilemas, apesar de serem uma variação conceitual do significado de dilema, remetem a situações mais abrangentes, portanto, são mais adequados para lidar com a complexidade da revolução digital em nossas vidas, sobretudo se pensarmos nessa situação como um problema global, multifacetado, abrangendo várias áreas do conhecimento humano. Você também pode entender o Trilema como três bifurcações gigantescas e interligadas.

Para mim, o Trilema Digital, visto pelo seu ângulo negativo, é um fenômeno teratológico, uma anomalia que acomete nossa sociedade, precipitando uma potencial mutação estrutural de nossas relações. Apesar da gravidade do assunto, meu objetivo, ao refletir sobre ele, não é criticar o futuro digital, paralisar diante dos acontecimentos ou simplesmente oferecer uma visão apocalíptica do porvir, apenas para ser fatalista.

Para interromper sua ação e minimizar sua influência, primeiro, é preciso jogar luz sobre o desafio representado pelo Trilema.

Estamos cada vez mais exteligentes e menos inteligentes; cada vez mais tribais e ignorantes; nos preocupamos em ter uma Economia Compartilhada, mas não dimensionamos seu impacto econômico adequadamente.

Em resumo, esses são os três aspectos apontados pelo Trilema, os quais temos de superar como humanidade. É importante ressaltar a nossa missão de superá-los, porque eles são nossos desafios contemporâneos. O contexto já está posto, não adianta tentar eliminá-lo ou fingir sua inexistência. Isso não funciona. Agir como se procurássemos esconderijos para eles não nos encontrarem ou desejarmos que sumam como mágica é um erro e imaturidade. O Trilema não é um vírus potencial que tem um risco de chegar até nós. É um fato já estabelecido. Nesse sentido, precisamos superar os obstáculos impostos por ele de maneira ponderada, refletindo a partir de dados objetivos e avaliando as consequências das decisões tomadas.

Se não houver uma ação efetiva para solucionar os efeitos do Trilema em nossas vidas, poderemos alicerçar o mundo distópico tão temido, sabe-se lá em qual medida e forma. Contudo, tenho certeza de que esta não é uma possibilidade; conseguir suplantá-lo é uma questão de tempo, empenho e foco. Em suma, seus efeitos negativos vão sumir mediante a adoção de uma atitude menos teórica e pessimista e mais assertiva, por intermédio de ações mensuráveis e constantes.

